

Referências bibliográficas

- ABREU, Luís Machado de, *et alii*, (coord.), *Homem de Palavra, Padre Sena Freitas*, Lisboa: Roma Editora, 2008.
- FREITAS, padre Sena, *História da minha Vida*, in *Atlântida* vol. XIX, N.º 1, Janeiro-Feveireiro, 1975, pp. 5-25. Repr. in ABREU, Luís Machado de *et alii* (coord.), *Homem de Palavra, Padre Sena Freitas*, Lisboa: Roma Editora, 2008, pp. 757-770.
- FREITAS, padre Senna, “Tres dias em Vigo”, in *No Presbyterio e no Templo*, vol. I, 2.ª ed., Lisboa: Lallemand Frères, Imprensa, 1884.
- FREITAS, padre Senna, “O Natal em Londres”, in *No Presbyterio e no Templo*, vol. I, 2.ª ed., Lisboa: Lallemand Frères, Imprensa, 1884.
- FREITAS, padre Senna, “O amor de um Deus”, Lisboa: Typographia Mattos Moreira & Pinheiro, 1897, repr. in *A Palavra do Semeador*, Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1905.
- FREITAS, padre Senna, “Decima sexta carta em Constantinopla”, in *Stambul ou Itinerario d’uma Viagem de Lisboa a Constantinopla*, Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, Livraria Editora, 1909.
- FREITAS, padre Senna, “Primeira parte d’uma Pratica dirigida ás recolhidas do Convento da Conceição em Braga, na conclusão do Ano Mariano”, in *No Presbyterio e no Templo*, vol. II, 2.ª ed., Lisboa: Lallemand Frères, Imprensa, 1884.
- FREITAS, padre Senna, “Ave Patria”, in *No Presbyterio e no Templo*, vol. I, 2.ª ed., Lisboa: Lallemand Frères, Imprensa, 1884: pp. 91-94.
- FREITAS, padre Senna, “O meu ninho paterno”, in *Luctas da Penna*, vol. II, Lisboa: Typographia da Casa Catholica, 1903: pp. 32-35.
- FREITAS, padre Senna, “Sorte da ideia de Deus”, in *Ao Veio do Tempo: ideas, homens e factos*, Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, Livraria Editora, 1908: pp. 91-98.
- FREITAS, padre Senna, “Livro d’Ouro”, in *Observações Criticas e Descrições de Viagem – Entre mares e lares*, Vol. II., Critica, Campinas: Typographia Livro Azul, 1888.

SENA FREITAS E AS VIAGENS AO SERVIÇO DA CULTURA E DA RELIGIÃO

José Luís Brandão da Luz

Universidade dos Açores e Instituto Cultural de Ponta Delgada
jbrandaoluz@gmail.com

Realizo esta excursão de turista, em obediência a um hábito já algo antigo de tomar todos os anos as minhas férias, por ocasião da bela estação, soltando o voo a algum país estrangeiro, como uma andorinha de verão, e seguindo ora a linha do ocidente, ora a do oriente, idiosincrasia intelectual e estética de que até agora não me corrijo, nem me parece provável, nem espero e principalmente não desejo, corrigir-me de todo.

Sena Freitas, *Viagem a Istambul*

A epígrafe que seleccionámos coloca as viagens no centro duma rotina que, todos os anos, impelia Sena Freitas a cortar as amarras que o prendiam ao vaivém das águas que embalavam a vida política e social do país e o faziam embarcar na aventura do conhecimento de novas paragens. Tratava-se de um hábito que renascia com a aproximação de cada verão e que o autor confessava ser incapaz não somente de corrigir, mas também de contrariar. Com efeito, explica logo a seguir à confiança que destacámos no início, referindo-se a si próprio na 3.ª pessoa: «a estas viagens, em que o Oceano tem sempre parte preponderante, deve (...) o bom humor, o melhor e o mais positivo da sua modesta bagagem de instrução, e o reacendimento da chama da primeira virilidade»¹. Mas as viagens ocupavam ainda uma dimensão muito relevante na obra de Sena Freitas por terem sido objeto de descrições, em que, sob a forma de relatos ou de cartas, o autor deu a conhecer ao público leitor muitas das suas impressões da paisagem, do

¹ Sena Freitas, *Viagem a Istambul (Stambul ou Itinerário de uma Viagem a Constantinopla)*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira 1909), ed. de Annabela Rita e Paulo de Assunção, S. Paulo, Arké Editora, 2005, pp. 87-88.

património e do estilo de vida dos países e cidades que visitou². Acharmos, por isso, relevante o conhecimento deste segmento da sua vasta obra, pois em grande parte nele projeta muitas das suas ideias sobre os mais variados assuntos, desde a experiência missionária, no Brasil, até às suas concepções sobre a importância da ciência na formação dos jovens e do clero, as condições sociais e políticas dos operários, a importância social da religião e da tolerância religiosa, a par da exaltação da natureza, em que a sua ilha de S. Miguel não tem paralelo. Propomo-nos, portanto, centrar a atenção no relato dessas viagens, começando por apresentar, em traços gerais, alguns aspetos da sua vida, que repartiu em grande parte entre Portugal e o Brasil, o que servirá para enquadrar o nosso propósito.

Os anos de formação e a missão

José Joaquim de Sena Freitas nasceu em Ponta Delgada, a 21 de julho de 1840, onde viveu a infância e a juventude, até à idade de 15 anos. Nessa altura, seu pai, Bernardino José de Sena Freitas³, propôs-lhe que ingressasse no seminário de Santarém para continuar os estudos que havia realizado sob sua orientação e também numa escola de Ponta Delgada, conforme refere na autobiografia⁴, obra que estava a escrever quando faleceu, a 21 de dezembro de 1913, e que ficou, por isso, incompleta. Só voltou a Ponta Delgada aos 57 anos de idade, numa visita que o fez percorrer as ilhas do grupo central do Arquipélago e toda a ilha de S. Miguel, onde lhe foram preparadas várias

² A este propósito, José Eduardo Franco, em «A ideia de Europa em Sena Freitas» (cf. Luís Machado de Abreu e outros (coord.) *Homem de Palavra – Padre Sena Freitas*, Lisboa, Roma Editora, 2008, pp. 469-488), salienta, muito justamente, que os escritos de Sena Freitas sobre as viagens que fazia lhe serviam de pretexto para «apresentar o reverso crítico da sociedade e da cultura portuguesas» (p. 473) e apresentar exemplos a seguir em Portugal. Ver também a análise literária dos escritos de viagem de Sena Freitas feita por Annabela Rita, «Literatura e sociedade: ‘Sena Freitas em viagem: Retrato e Paisagem’. Quando a palavra *viaja* em Sena Freitas...», (*ibidem*, pp. 553-564), em que procura pôr em evidência a personalidade do autor, com o seu universo cultural e a sua fragilidade física, nas narrativas e comentários que escreve.

³ Bernardino José de Sena Freitas nasceu no Rio de Janeiro, em 1808, e faleceu em Braga, 1872. Seu pai, José Joaquim da Silva Freitas, foi Cavaleiro da Ordem de Cristo e Conselheiro de D. João VI, tendo sido agraciado com a administração de diversos bens, na ilha de S. Miguel, o que poderá explicar a decisão de Bernardino se fixar nos Açores, onde nasceu o seu terceiro filho, José Joaquim. Em Ponta Delgada e em Angra, onde viveu, empreendeu pesquisas em arquivos municipais e paroquiais e publicou diversos trabalhos sobre história local. Com o patrocínio do Barão das Laranjeiras, publicou, em 1845, uma monografia sobre as Furnas, intitulada *Uma Viagem ao Vale das Furnas, na Ilha de S. Miguel em Junho de 1840*. Na sequência de um trabalho de organização de vários arquivos pertencentes a repartições extintas de Angra, publicou, em 1856, o *Relatório histórico sobre a classificação do arquivo existente no antigo edifício do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Angra do Heroísmo* e, nesta mesma cidade, dirigiu o jornal conservador *Catholico Terceirense*. A sua passagem por este periódico trouxe-lhe fortes inimizades que acabaram por ditar o seu abandono dos Açores, em 1860. Veio a fixar residência em Braga, onde viveu até ao seu falecimento. Em 1853, foi eleito «sócio provincial» da Real Academia das Ciências e Lisboa. (cf. Carlos Guilherme Riley, «Freitas, Bernardino José de Sena», em *Enciclopédia Açoriana* (<http://www.culturacores.azores.gov.pt>); Inocêncio F. Silva, *Dicionário Bibliográfico Português*, vs. 1 e 8).

⁴ Cf. «Autobiografia de Sena Freitas», transcrição, atualização e notas, por J. Pinharanda Gomes, em Luís Machado de Abreu e outros (coord.) *Homem de Palavra – Padre Sena Freitas*, pp. 757-770. Em um dos artigos coligidos em *Ao Veio do Tempo*, Sena Freitas recorda a sua residência em Ponta Delgada, na rua da Canada, e a frequência numa escola de primeiras letras para onde seu pai o enviou, por volta de 1848, «depois de me ter ensinado o abecedário pelo sistema originalíssimo de um baralho de cartas, em cujo reverso escrevia cada letra, sendo o decorá-la a condição de me mostrar a imagem correspondente a cada carta» (Sena Freitas, *Ao Veio do Tempo (Ideias, Homens e Fatos)*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1908, pp. 91-92). Conforme esclarece, de seguida, o mestre-escola, José da Silveira, era um ancião com cerca de setenta anos de idade, correligionário de seu pai e antigo militar das hostes da causa miguelista, que morava «num lugar chamado Pinheiros, a meio de uma azinhaga tortuosa, a uns dez minutos do prédio que habitávamos».

recepções⁵. Passou, assim, grande parte da sua vida fora dos Açores, repartindo-a entre Portugal e o Brasil, após o período de formação para o sacerdócio, que começou com o ingresso no Seminário de Santarém, em 1855, e continuou depois em Paris, após ter passado «meses e meses em Coimbra», em que lhe foi dado fazer uma experiência de vida que «só foi de liberdade e devaneio»⁶. Como sacerdote, esteve, primeiramente e por dois períodos, ao serviço da Congregação da Missão ou dos Padres de S. Vicente de Paula, também conhecidos por Vicentinos e Padres Lazaristas; depois, serviu o ministério sacerdotal como padre secular, o que o levou a ser nomeado cônego da Sé Patriarcal de Lisboa, em 1896.

A ligação ao Brasil, de onde o pai era natural, em virtude de seu avô paterno ter vivido no Rio de Janeiro, acompanhando D. João VI, de quem foi conselheiro, explica-se fundamentalmente por razões de ordem religiosa, embora a última viagem sem regresso para o Brasil, na sequência da revolução republicana de 5 de outubro de 1910, tivesse sido determinada por condicionamentos de ordem política. A primeira estadia teve lugar entre 1865 e 1872, logo após ter sido ordenado sacerdote, e respondeu ao desejo de desenvolver o múnus sacerdotal em terras de missão. Ao relatar a experiência missionária no Brasil, Sena Freitas apresenta a cronologia da sua formação para o sacerdócio e as origens da sua vocação missionária, lembrando o ingresso no seminário patriarcal de Santarém, com a idade de 15 anos, e o despertar do desejo de vir a ser missionário, pela leitura do *Génio do Cristianismo* de Chateaubriand que o pai lhe oferecera à partida dos Açores. O amadurecimento deste sentimento levou-o, ao fim de três anos de estudos preparatórios e do tempo que passou em Coimbra, a ingressar no seminário de S. Lázaro, em Paris, em 1860, onde durante cinco anos fez o curso teológico, após o que foi ordenado sacerdote, em 1865. De seguida, partiu para «o império do Brasil» para se dedicar às «missões do alto sertão», onde diz ter permanecido oito anos⁷. O regresso a Portugal, muito provavelmente via Bordéus, teria depois prosseguido por Espanha, conforme dá a entender no capítulo VIII «Ave Patria!», no volume I de *No Presbitério e no Templo*. Porém, as descrições que antecedem este capítulo, numa viagem de comboio através de Espanha, com curta permanência em S.

⁵ Cf. José Luís Brandão da Luz, «A imprensa regional e os açorianos “lá de fora”: Sena Freitas e Teófilo Braga», em Carlos Cordeiro e Susana Serpa Silva (coord.), *A História da Imprensa e a Imprensa na História. O Contributo dos Açores*, Universidade dos Açores e Universidade de Coimbra, 2009, pp. 321-326.

⁶ «Autobiografia de Sena Freitas», p. 761.

⁷ Cf. Sena Freitas, *No Presbitério e no Templo*, v. II, Lisboa, 2.^a ed., Lallement Frères, 1884, «Em Apêndice», pp. 260-262. Em diversos lugares da sua obra, o autor repete a informação de ter permanecido 8 anos no Brasil. Na verdade, teriam sido oito anos muito incompletos, já que o regresso a Portugal teria ocorrido no verão de 1872, como se depreende numa carta que dirigiu a partir de Lisboa ao P. Étienne, Superior Geral da Congregação da Missão, a solicitar a transferência para o colégio de Santa Quitéria, a fim de fugir ao clima da primavera e verão da capital, considerado nocivo para a laringite de que padecia. Nessa carta, a segunda que escreve sobre o mesmo assunto, diz ter melhorado bastante desde que chegou a Lisboa, e dá conta da viagem que efetuou a Braga para visitar o pai e assistir aos seus últimos momentos de vida, que sabemos terem ocorrido a 17 de outubro de 1872, na sua casa, em S. Pedro de Maximinos de Braga (cf. Vanda Anastácio, «Algumas Cartas Inéditas de Sena Freitas», em Luís Machado de Abreu e outros (coord.) *Homem de Palavra – Padre Sena Freitas*, pp. 677-678; Ana Cristina C. da Costa Gomes e José Maria Correia Fernandes, «Inventário do ‘Espólio Sena Freitas’ – Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada», em Luís Machado de Abreu e outros (coord.) *Homem de Palavra – Padre Sena Freitas*, pp. 722. Inicialmente publicado em *Insulana*, Ponta Delgada (2003), 59, p. 306).

Sebastian, «a primeira cidade espanhola que se encontra, depois de se haver tomado a linha férrea de Irun a Badajoz»⁸, assim como as visitas efetuadas a Burgos e Madrid, não deverão referir-se à viagem de regresso do Brasil, mas à que efetuou, no verão do ano seguinte, ao regressar de Londres, como aliás deixou expressamente registado, em nota de rodapé, à breve descrição que faz do museu de história natural da capital espanhola, que diz ter visitado em 1873⁹. Desta forma, a ordenação dos capítulos II a VI, onde surgem algumas comparações com a grandiosidade da cidade de Londres, embora possa corresponder ao percurso que teria eventualmente feito para chegar a Portugal vindo do Brasil, não constitui, certamente, o registo das impressões da viagem que muito provavelmente teria efetuado em 1872. Pelo contrário, esses capítulos deverão reportar-se às visitas que fizera a essas cidades de Espanha, onde em algumas delas se demorou algum tempo, quando regressava a Portugal, vindo da primeira deslocação que efetuou a Londres. Muito menos o capítulo VII, que relata uma viagem a Vigo, se poderá compreender no alinhamento dum programa de viagem de caminho-de-ferro de Irun a Badajoz, mas corresponderá certamente a uma das várias deslocações que o levaram àquela cidade da Galiza a partir do Norte do país. Deste modo, é nossa convicção que a sequência dos capítulos atrás referidos, pertencentes ao volume I da obra *No Presbitério e no Templo*, responderá a um critério meramente editorial, sem a preocupação de observar uma ordenação de natureza cronológica, e que apenas o capítulo VIII do livro se refere à viagem de regresso do Brasil para Portugal, que se teria sido efetuada, não diretamente para Lisboa, mas através de Espanha. Com efeito, aí diz expressamente que se demorou em Madrid apenas três dias, pois «tinha pressa de dar um adeus à Espanha, à Europa e ao mundo, para rever enfim, depois de tão longa ausência, o céu e a terra saudosa do meu Portugal»¹⁰. Logo de seguida especifica a razão dessa ansiedade de regressar ao país porque «Havia treze anos que o largara, com a leve interrupção de alguns dias que nele passara, fazem hoje nove anos», período em que, após a ordenação, em Paris, esteve a despedir-se da família, antes de embarcar para o Brasil onde, volta a referir, permaneceu oito anos consagrados à missionação, percorrendo «sucessivamente as províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Baía, Ceará»¹¹. Todavia, como escreveu na autobiografia, os primeiros quatro anos no Brasil foram dedicados ao magistério no seminário do Caraça, em Minas Gerais, onde regeu as cadeiras de Teologia Dogmática e de Sagrada Escritura, tendo acabado por limitar o exercício da atividade missionária apenas

⁸ Sena Freitas, *No Presbitério e no Templo*, v. I, Lisboa, 2.ª ed., Lallement Frères, 1884, p. 31.

⁹ *Ibidem*, p. 76.

¹⁰ *Ibidem*, p. 91.

¹¹ *Ibidem*. Depreende-se assim que o regresso do Brasil, que marcou o termo do primeiro período de missionação de Sena Freitas naquele país, ocorreu no verão de 1872, pelo que permaneceu naquele território pouco mais de sete anos, mais os cinco anos de estudos no seminário de S. Lázaro, em Paris, para onde partiu em 1860, viajando de Lisboa para St. Nazaire e de lá para Paris, através de Nantes e Tours, como consta na *Autobiografia*. Esta data de 1872 harmoniza-se, aliás, com a informação da sua nomeação como professor do Colégio de S.ª Quitéria, a 23 de março de 1873 (Cf. Jorge de Sousa Rodrigues, «Um aspeto quase ignorado: o militante político Sena Freitas», em Luís Machado de Abreu e outros (coord.) *Homem de Palavra – Padre Sena Freitas*, p. 163) e com outras informações, como, por exemplo, a que o dá a proferir um discurso na Academia da Associação Católica Portuense, no dia 16 de Março de 1873, onde, par justificar eventuais deslizes de lin-

ao período de férias. A dedicação exclusiva à obra das missões só terá lugar quatro anos depois, quando, a insistentes diligências suas, é libertado das funções docentes e transferido para a Baía, onde pregou várias missões no interior daquele estado e também no Ceará.

Em apêndice ao volume II do livro *No Presbitério e no Templo*, o autor insere uma admirável reportagem de uma dessas missões, onde apresenta alguns cenários do interior do Brasil. A viagem de barco leva-o de S. Salvador para o interior da Baía através do rio Paraguaçu por entre uma luxuriosa vegetação, fauna fabulosa e rica produção de palmito, algodão, mandioca e cana-de-açúcar. A descrição do ambiente familiar da fazenda, onde é acolhido para pernoitar mais o seu companheiro de viagem, apresenta o ordenamento das diversas instalações, desde «as barracas de emboco» que formam «as senzalas dos escravos», passando pela vacaria e pelo *sequeiro* destinado à secagem do tabaco, até à casa senhorial, com o seu *avarandado* e bulício do «magote de escravinhos e escravinhas» a sair em correria da cozinha para saudar os visitantes antes do jantar, que é servido com grande variedade de iguarias. O ponto central é a descrição da “missão”, que tem início com uma receção festiva por parte dum população entusiasta que se reúne aos milhares, ao ar livre, para participar nos exercícios da missão. A travessia da floresta, após pernoita na fazenda, é ocasião para admirar a sua harmonia, como sinal da ação criadora de Deus¹², assim como para uma reflexão sobre a escravatura no Brasil, que diz ser um «herpes medonho do império brasileiro»¹³, mas que tende a ser abolida pela aprovação no parlamento da «lei da emancipação do filho do escravo»¹⁴.

Valorização da ciência, combate ao positivismo e viagem a Londres

A segunda estadia no Brasil teve a duração de nove anos e decorreu entre 1885 e 1894, após ter vivido doze anos em Portugal, onde esteve, parte desse tempo, ao serviço do colégio lazarista de S.ª Quitéria, em Felgueiras, em ambiente pouco acomodado às regras da ordem, de que acabou por se desvincular. Neste período, a par da atividade docente, manteve intensa colaboração na imprensa, alimentando polémicas nos jornais

guagem, apelava à compreensão do auditório, dizendo «pouco há que cheguei do vasto império do Brasil» (*No Presbitério e no Templo*, v. II, p. 206), em que reitera ter estado oito anos a missionar e onde era forçado a usar uma linguagem adaptada à compreensão dos indígenas e habitantes do país. A 22 de junho de 1873 proferiu uma conferência na primeira academia da Associação Católica de Braga, por ocasião do 27.º aniversário da eleição do Papa Pio IX (Cf. Sena Freitas, *No Presbitério e no Templo*, v. II, p. 217). E na parte final do capítulo VIII «Ave Pátria!», do volume I de *No Presbitério e no Templo*, depois de descrever as sensações que experimentou ao passar a fronteira próxima de Badajoz em direção a Lisboa, rejubila ao ouvir «soar em todas as bocas o suave idioma pátrio» (p. 93) e com a ideia de voltar a encontrar os seus: «Tornava a ver meu pai, o maior amigo que tenho tido neste mundo, meu irmão mais velho, o companheiro do primeiro dia, todos os membros da minha querida família...» (p. 94), o que depõe a favor de que a viagem de regresso do Brasil só podia ter acontecido antes do falecimento do pai, quando a sua saúde não oferecia cuidados que merecessem referência especial.

¹² Cf. Sena Freitas, *No Presbitério e no Templo*, v. II, pp. 288-289.

¹³ *Ibidem*, p. 284.

¹⁴ *Ibidem*, p. 210.

e escrevendo artigos doutrinários e de incitamento à participação cívica e política¹⁵. Assume particular relevo a intensa atividade que desenvolveu contra a propagação das ideias materialistas e positivistas¹⁶, que eram particularmente hostis à influência da religião e da Igreja Católica na vida social e política do país. Este combate foi travado desde os anos setenta numa série de artigos em jornais católicos, em que se destaca o *Progresso Católico* que começou a publicar-se em Guimarães, em outubro de 1878, e de que foi redator. Neles denunciava a orientação materialista do positivismo de Augusto Comte – uma tese que os positivistas não perfilhavam, por considerá-la de teor metafísico – e a sua hostilidade à mundividência da religião católica, propalada pela propaganda republicana. Todavia, é na extensa introdução que escreveu para o livro que Carlos José Caldeira publica em Guimarães, no Centro de Propaganda Católica em Portugal, em 1882, com o título *O Positivismo e a Sociedade*, que os seus argumentos ganham unidade sistemática. Este livro segue de perto o do padre A. Guthlin, *Les doctrines positivistes en France*, e cumpre o propósito de oferecer ao público português um repositório de argumentos que o pudesse defender dessa filosofia nociva, que servia os interesses do republicanismo e do laicismo. A introdução que o padre Sena Freitas escreveu veio, mais tarde, a ser publicada, depois de refundida, na coleção «Ciência e Religião» da Livraria Povoense Editora, de José Pereira de Castro, pois o relevo e projeção que logrou alcançar reclamavam que fosse editada em separado¹⁷. O título que então adotou foi *A Doutrina Positivista* e a base que sustenta o confronto analítico da sua exposição segue as linhas orientadoras da filosofia espiritualista e a defesa duma conceção de ciência que se não limita ao simples conhecimento dos fenómenos e das leis que enunciam a sua regularidade. Pelo contrário, seguindo a inspiração aristotélica adotada pela filosofia tomista, a dimensão do conhecimento científico só ganha robustez quando se confronta com a questão última das causas que produzem e dirigem os fenómenos e acontecimentos. Na sua perspetiva, o positivismo peca por reduzir todo o conhecimento ao domínio da observação, colocando-se assim no extremo oposto aos filósofos medievais que caíam no exagero de, reconhece o nosso autor, «estabelecer todas as verdades *a priori* e reduzir quase unicamente à metafísica a área do especular humano, com assaz pronunciado desdém pelas ciências de observação, como indignas, segundo o parecer deles, das lucubrações do entendimento»¹⁸. Pelo contrário, Sena Freitas reconhece ao século XIX a capacidade de ter reabilitado o método indutivo, que considera mesmo indispensável para o estudo positivo das ciências naturais e que se encontra na base do avanço que as ciências conheciam no seu tempo, designadamente, a física, a biologia, a psicologia e a sociologia. Chega mesmo a reconhecer a

¹⁵ Cf. Luís Machado de Abreu, «A Política da Palavra em Sena Freitas», pp. 54-56.

¹⁶ Cf. José Luís Brandão da Luz, «Sena Freitas e o combate à filosofia positivista», em Luís Machado de Abreu e outros (coord.) *Homem de Palavra – Padre Sena Freitas*, pp. 295-312; J. Pinharanda Gomes, «O padre Sena Freitas: Apologia e Filosofia ante o positivismo», *Ibidem*, pp. 313-332; *Idem*, «A crítica do positivismo pelo padre Sena Freitas», *Revista de Cultura Açoreana*, Lisboa, 3 (1991), pp. 31-44.

¹⁷ Cf. J. Pinharanda Gomes, «A crítica do positivismo pelo padre Sena Freitas», pp. 36-37.

¹⁸ Sena Freitas, *A Doutrina Positivista*, Livraria Povoense Editora, Póvoa de Varzim, s/d, p. 9.

importância de algumas teorias e princípios experimentais para «completar uma filosofia espiritualista, e com que a verdadeira ciência pode lucrar»¹⁹. O erro clamoroso do positivismo foi ter prescindido e até mesmo desdenhado a importância da metafísica para alcançar a explicação última dos fenómenos naturais, como fizeram Newton, Euler, Lineu, Cuvier e outros. O positivismo subordinou todo o conhecimento aos limites que a sua metodologia experimentalista poderia controlar, tomando a observação e a experiência como provas únicas da verdade, ou seja, como critérios exclusivos do que é suscetível de ser conhecido. Apoiado na abusiva absolutização destes requisitos, pretende, assim, apresentar-se como sendo «a própria filosofia e toda a filosofia»²⁰.

Para Sena Freitas, os verdadeiros cientistas não tomam a experiência por limite da razão, mas procuram, pelo contrário, «fazer da natureza escada para por meio dela se remontarem ao supremo autor do Cosmos»²¹. Esta profunda convicção orienta todo o seu programa de ação, nomeadamente, os trabalhos e estudos que o levaram a empreender leituras de natureza científica, a realizar viagens, pelos mais diversos e longínquos países, e a ir aprofundar, em Londres, os seus conhecimentos no campo das ciências. Aos 41 anos, vemo-lo em Londres, em pleno inverno, cujos rigores descreve pelas baixas temperaturas, denso nevoeiro e por um implacável isolamento social, sem grande convívio, o que o tornava semelhante a «um pombo viúvo»²². Não era a primeira vez que se encontrava em Londres. Já «lá estivera, somente uns seis dias esticados, em 1873»²³, o tempo suficiente para formar o desejo de voltar com mais tempo, o que veio a acontecer oito anos depois. Embarcou no cais de Massarelos, no Porto, a 6 de julho de 1881, no pequeno cargueiro Alga, disposto a visitar a Grã-Bretanha e a católica Irlanda. Das crónicas que escreveu sobre esta viagem, que diz serem «notas impressionistas de quem mais passou do que residiu em Londres»²⁴, ficamos a saber que aí passou a quadra do Natal²⁵, nos «meses do máximo frio»²⁶, que vão de dezembro a fevereiro, em que o *fog* de Londres atinge o seu máximo. A descrição que apresenta deste conhecido fenómeno não deixa de ser curiosa e denunciadora da sua bagagem científica, por mobilizar elementos de carácter climático e ambiental. Conforme explica, o fenómeno deve-se à

temperatura bastante fria que condensa nas camadas baixas do ar a grande evaporação da cidade, o número prodigioso de chaminés, tanto dos fogões das casas particulares como das fábricas, e igualmente o fumo constante que exalam dos canos as numerosíssimas locomotivas 'metropolitanas', subterrâneas e aéreas, suburbanas e circulares. Imagine-se tudo isto a fazer gás, o dia inteiro, e facilmente se compreenderá que Londres seja o maior laboratório de fumaça conhe-

¹⁹ *Ibidem*, p. 65.

²⁰ *Ibidem*, p. 19.

²¹ *Ibidem*, pp. 14-15.

²² Sena Freitas, *Observações Críticas e Descrições de Viagem*, v. I – *Crítica*, Campinas, Tipografia Livro Azul, 1988, p. 278.

²³ Sena Freitas, *Observações Críticas e Descrições de Viagem*, v. II – *Entre Mares e Lares*, Rio de Janeiro, Companhia Impressora, 1991, p. 69.

²⁴ *Ibidem*, p. 82.

²⁵ Cf. Sena Freitas, *No Presbitério e no Templo*, v. I, pp. 294-297.

²⁶ Sena Freitas, *Observações Críticas e Descrições de Viagem*, v. II – *Entre Mares e Lares*, p. 84.

cido, e o seu céu a mais espessa carapuça de carbono que pesa sobre a cabeça da humanidade. O ambiente, como se pode supor, está perpetuamente saturado de partículas subtis de carvão de pedra. A vez primeira que o notei experimentalmente, foi poucos dias depois de chegado a Londres. Entrei numa loja de livreiro. Comprei um livro (...). Quando cheguei a casa e fui percorrer um pouco a brochura, recém-comprada, estava ... suja, mas suja e imunda como se eu a tivesse emprestado a um carvoeiro²⁷.

a extrema poluição da cidade, que se faz sentir por todo o lado, torna o céu londrino sempre da cor do chumbo: uma «imensa concavidade caliginosa»²⁸.

Mas Londres é também descrita pela grandiosidade dos edifícios, praças e jardins, esplendor do comércio, intensidade do tráfego, contraste da população, opulência dos hotéis, riqueza dos museus, organização dos serviços, nomeadamente, o serviço de distribuição e expedição dos correios, em que o tratamento da correspondência

se executa quase automaticamente, com uma precisão mecânica, com uma espécie de regularidade de lei física, com a velocidade dum mecanismo a vapor, num silêncio humano de cemitério, num vaivém de veículos de transporte, tão contínuo como o de dois teares de fábrica que avancem um para o outro e recuam; sem choque, sem confusão, sem um erro de expediente postal, numa harmonia de organismo e de fim que assombra²⁹.

no entanto, é a garantia da liberdade religiosa que merece registo especial, até pelo contraste com o ambiente anticlerical que se vivia em Portugal. As leis inglesas asseguravam o culto e a instrução dos colégios e institutos confessionais, considerando ser importante apoiar toda a educação religiosa que contrariasse a indiferença e o ateísmo. Por isso o Estado inglês reconhece relevância social a uma variedade de instituições, que mantêm espalhadas por toda a Inglaterra as mais diversas ordens e congregações, com as suas casas e conventos³⁰. Porém, o propósito principal da viagem, que o fez permanecer em Londres por algum tempo, terá sido o projeto de ampliar e aprofundar os seus conhecimentos das ciências. Frequentou o curso de Huxley, no South Kensington Museum, e a Escola Politécnica de Regent Street, onde «ensinam homens de subido mérito científico»³¹, incomparavelmente superiores aos que ensinam e investigam na pátria francesa do positivismo e onde é possível visitar, acrescenta, os museus científicos «mais completos que se conhecem no mundo».

Dispor-se a reassumir a condição de estudante, a «ouvir as apostilhas do professor», representa uma decisão que o autor toma numa fase madura da sua vida para responder às permanentes exigências de formação que um padre deverá satisfazer, se pretende intervir com idoneidade no debate das questões que no seu tempo agitavam as relações entre a Ciência e a Religião:

²⁷ *Ibidem*, p. 86.

²⁸ *Ibidem*, p. 87.

²⁹ *Ibidem*, pp. 98-99.

³⁰ Cf. *Ibidem*, pp. 103-106.

³¹ Sena Freitas, *Observações Críticas e Descrições de Viagem*, v. I – Crítica, p. 279.

Não me envergonho de dizer que vim estudar a Londres. O conhecimento das ciências físicas é hoje uma necessidade impreterível a um padre que vive no meio da sociedade e tem os bríos assaz altos para se não resignar a capitular, ele soldado nato da Igreja, perante as objeções às vezes sérias do positivismo hodierno, ou a substituir o argumento pela contumélia e pela diatribe. A diatribe é arma péssima, que dispara pela culatra e só serve para ferir o que a maneja. Tomei pois a determinação de vir completar e aperfeiçoar nesta cidade noções a que, ainda bem, não era estranho, porque de há muito formavam o objeto das minhas leituras de predileção, porém que não tinham nem eram suscetíveis de ter aquele grau de desenvolvimento e solidez que só o trato com os homens da ciência e a posse de auxiliares empíricos (museus, observatórios, gabinetes de física, salões anatómicos, jardins zoológicos, botânicos, etc.) podem fornecer cabalmente, ilustrando e evidenciando as teorias adquiridas³².

para Sena Freitas, a autoformação, não somente no campo das ciências religiosas, mas também no das humanidades e ciências naturais, constitui preocupação «constante e de toda a vida»³³. O estudo das ciências é considerado mesmo imprescindível na formação do clero, como, em geral, na educação da juventude³⁴. A preparação para um ministério sacerdotal influente e prestigiado é indissociável duma atenção continuada às «exigências do século e da ciência atuais»³⁵. Com efeito, os desenvolvimentos e avanços das ciências instauram uma nova mundividência na sociedade e suscitam problemas novos que o clero necessita conhecer e acompanhar, a fim de exercer uma orientação esclarecida dos fiéis. O estudo das ciências, para além de facultar uma melhor compreensão do mundo e do homem, permite entender um dos mais importantes fatores de bem-estar intelectual e material da humanidade. Não basta, hoje, que o sacerdote se apresente à sociedade como exemplo de vida moral e religiosa, será também necessário que se mostre detentor daquela “ilustração” que o estudo das ciências proporciona para fazer face às investidas dos livres-pensadores.

Sena Freitas compara a ação do padre à do soldado, sempre vigilante contra os que usam a ciência para desacreditarem as verdades da fé:

O padre hoje há de ser um militante, postado sempre, arma ao ombro, de piquete constante à guarda do depósito da fé, contra o qual o livre pensamento assenta de contínuo os seus *approches*. O padre hoje há de aperceber-se de muito maior número de conhecimentos, ainda das ciências naturais e positivas para ricochetear a objeção partida do bivaque de uma pseudociência balofa³⁶.

não se preconiza, certamente, que os padres venham a adquirir um conhecimento no campo das ciências como se eles se destinassem a ser investigadores, como hoje se diz, mas que possam dispor de noções científicas suficientes para se afirmarem es-

³² *Ibidem*.

³³ Sena Freitas, «Introdução do tradutor» [1909], em Mons. John Lancaster Spalding, *A Alta Educação do Padre*, Lisboa, Roma Editora, 2003, p. 90.

³⁴ Cf. José Luís Brandão da Luz, «Os ideais educativos de Sena Freitas», em Luís Machado de Abreu e outros (coord.) *Homem de Palavra – Padre Sena Freitas*, pp. 489-502.

³⁵ Sena Freitas, «Introdução do tradutor» em *A Alta Educação do Padre*, pp. 77-78.

clarecidos perante o povo, mostrando-se habilitados para rebater as objeções que os adversários da fé levantam e esclarecer as dúvidas que assolam os próprios crentes: seria deplorável que o sacerdote se mostrasse incapaz de lidar com as dúvidas e objeções sobre temas da ciência que os homens cultos lhe possam apresentar ou que nem sequer os entendesse. Deverá, por isso, fazer parte da sua formação a introdução ao conhecimento do estado atual das ciências e constitui obrigação do sacerdote, que carece dessa formação, dedicar-se ao seu estudo para prover a própria atualização³⁷. Numa carta dirigida a Camilo, em 1883, pouco mais de um ano após ter regressado da viagem à Inglaterra e Irlanda, Sena Freitas dá conta da sua dedicação permanente ao estudo, nos seguintes termos: «Leio sempre e leio *de tudo*, porque é preciso examinar de perto e, por assim dizer, desmanchar ou desconcertar as armas dos adversários, para lhes conhecer o jogo»³⁸. E logo de seguida, explica o método que utiliza nesse seu estudo, deixando transparecer como o seu verdadeiro propósito se encontra distanciado da leitura como simples passatempo para deleitar o espírito. Muito pelo contrário, ela responde, antes, a uma estratégia de autoformação, determinada a reunir argumentos que possam servir para harmonizar os dados da ciência com as verdades da fé. Procura, assim, estudar as novas teorias, pondo-as em confronto com os autores que se lhes opõem ou apresentam uma visão mais espiritualista. É o que faz, nomeadamente, ao empreender o estudo das teorias evolucionistas com as de pendor criacionista, conforme esclarece ao seu ilustre correspondente, dizendo-lhe: «muno-me ao mesmo tempo das refutações, contrapondo assim Quatrefages a Darwin, Pressensé a Spencer, Dana a Tindall, Gray e Mirart a Huxley».

O sacerdote tem por missão «administrar às multidões o pão da palavra», conforme a exortação do Evangelho, mas em parte nenhuma do texto sagrado poderá ler-se que

esse pão deva ser amassado com especiarias extravagantes e indigestas, nem que deva ser pão duro, bolorento, azedo ou de rolão; ora, é certo que o orador sagrado, a menos que enriqueça de contínuo a sua inteligência pelo estudo ou pela leitura nos primaciais e coevos modelos do púlpito, principalmente franceses, onde mais floresce, sem contestação, a eloquência sagrada, e se resignar a repetir-se eternamente, sem nunca sair dos velhos assuntos, nem do estilo e redação das primeiras campanhas oratórias, falará sem alma, como quem produz uma lição já muito sabida, e só dará aos ouvintes o tal pão bolorento a que acima me referi³⁹.

o conhecimento científico tem trazido importantes contributos para a compreensão de muitas narrativas bíblicas, de modo especial as que são desenvolvidas no Livro do *Génesis*. Desde a segunda metade do século XIX, reconhece o autor, a Igreja tem vindo a adotar uma certa renovação na exegese bíblica, que de algum modo reflete a

³⁶ *Ibidem*, p.68.

³⁷ Cf. *Ibidem*, pp. 89-90.

³⁸ Vanda Anastácio, «Algumas cartas inéditas de Sena Freitas», Carta de Sena Freitas a Camilo Castelo Branco, n.º 17, de 16/07/1983, em Luís Machado de Abreu e outros (coord.) *Homem de Palavra – Padre Sena Freitas*, p. 667.

³⁹ Sena Freitas, «Introdução do tradutor» em *A Alta Educação do Padre*, p. 92.

nova mundividência trazida pelos avanços da ciência. Será, pois, imperativo que o clero procure atualizar-se nesses assuntos, por meio do «estudo privado». O clero tem a obrigação de acompanhar essa evolução, recusando «imobilizar-se na atitude mumificada das doutrinas erróneas e mortas»⁴⁰. O exercício da virtude completa-se pela instrução intelectual do padre, ambos indispensáveis à formação da sua personalidade, pois, adverte, da mesma forma que «a ciência sem virtude nos torna arrogantes, do mesmo modo a virtude sem a ciência nos torna inúteis, e até por vezes nocivos»⁴¹. Só o estudo poderá conferir credibilidade ao ministério da palavra, de modo a abandonar a forma inaceitável como muitos padres, em pleno século XX, aterrorizam os fiéis com as suas pregações obscurantistas:

O velho clero estacionário prega no século vigésimo as verdades evangélicas como as pregaria nos tempos de D. Manuel ou D. João III, com o acompanhamento obrigado das chamas eternas, de revelações e visões puramente lendárias, a propósito de tudo, ocupando-se dum modo pouco criterioso da conquista das almas, sem curar de saber se o estado económico do pobre povo deve ou não ser melhorado⁴².

As preocupações sociais e políticas e a viagem à Bélgica

A conduta virtuosa e a ilustração conseguida por um «estudo profundo, que não para à superfície da verdade» e que, para além dos estudos teológicos e demais «estudos sagrados», ambiciona também «iniciar-se nos que o não são»⁴³, deverão ser acompanhadas duma particular atenção aos problemas sociais do povo. Será missão do padre ajudar a libertação das pessoas por meio do apoio ao melhoramento do seu nível de vida. Compete certamente ao clero cuidar das pessoas ao nível espiritual, «mas importa interessar-se igualmente pela sua situação mesmo material, pelas suas necessidades e justas reivindicações»⁴⁴, seguindo o exemplo do clero belga e alemão e o preceituado pelo magistério da Igreja, designadamente a Encíclica do Papa Leão XIII *Rerum Novarum*. Sena Freitas apela mesmo à mobilização do clero para tomar o seu lugar na vida social e política do país, não ao nível dos clubes políticos e das lides eleitorais, mas através do voto e pela sua esclarecida intervenção «no templo, no púlpito, na associação religiosa, na praça, na rua, na quermesse, no espetáculo de caridade, na usina»⁴⁵, mas ainda nos jornais e nos demais lugares em que a ação do padre se puder fazer sentir para difundir o Evangelho e servir os homens. Não hesita, por isso a exortar os sacerdotes a envolverem-se nos problemas do seu tempo, não para os censurarem e denegrirem, mas para se dedicarem «ao bom progresso comum e

⁴⁰ *Ibidem*, p. 93.

⁴¹ *Ibidem*, pp. 89-90.

⁴² *Ibidem*, pp. 75-76.

⁴³ *Ibidem*, p. 90.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 76.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 75.

à possível felicidade terrestre dos nossos irmãos», chegando mesmo a incentivá-los a «tomarem uma parte ativa na belíssima obra da democracia cristã», que considera ser a verdadeira expressão dum socialismo sem contaminações⁴⁶.

Para recolher o conhecimento direto do que é a vivência democrática inspirada no pensamento social da Igreja, Sena Freitas visitou a cidade de Gand, «um dos principais centros belgas do movimento católico e da ação da democracia cristã»⁴⁷. Esta deslocação, que realizou em 1902, é o culminar duma viagem que o fez também percorrer diversas cidades da Suíça, Alemanha e Holanda. Como o autor qualificou, tratou-se duma «excursão estudiosa»⁴⁸, que demorou um «pouco mais de dois meses»⁴⁹. Embarcou no cais do Sodré, em Lisboa, no vapor francês *Brésil*, em direção a Bordéus, de onde passou a Lyon com destino a Genebra. A viagem, que é amplamente reportada em *Por Água e Terra*, tem o objetivo genérico de apreciar as belezas naturais dos países por onde passou, «raio luminoso da beleza de Deus»⁵⁰, a que se associa também a visita ao património construído, como a imponente catedral de Colónia, o que lhe confere o direito de reclamar o estatuto de «peregrino da arte religiosa»⁵¹. Mas a viagem oferece ainda o ensejo de apurar a sua cultura naturalista, tendo visitado o aquário de Zurique que possui uma grande coleção de espécies marinhas, embora não tão numerosa como o seu congénere de Brighton⁵², o relógio astronómico da catedral de Estrasburgo, construído em 1352 e que constitui uma prova eloquente da «perícia científica, artística e mesmo industrial de uma época, que a ignorância tão balofa como audaz de uns fanáticos *do hoje* queria averbar de ignorante e obscurantista, quando foi nela que principiaram a empenar as asas do glorioso século XIX»⁵³. Todavia, o grande propósito que o animava era «fazer uns certos estudos especiais, que levava grandemente em mira»⁵⁴, os quais são, como expressamente menciona, visitar a Bélgica, movido pelo «ardente desejo de estudar de perto a vida democrática, lá onde o seu movimento é mais prático e intenso»⁵⁵. Tratou-se, pois, dum projeto meticulosamente preparado com antecedência, em que o autor sabia de antemão o que pretendia conhecer. Visitou diversas instituições da cidade, como o Círculo Católico, o edifício da Associação Católica, que publicava o jornal *O Povo*, e travou conhecimento com diversas personalidades, entre as quais, um dos redatores do jornal *Le Bien Public*. O ponto alto da sua estadia em Gand foi a visita a Verhaegen, chefe do Partido Católico Operário da cidade e presidente da Liga Democrática Belga,

⁴⁶ Cf. *ibidem*, pp. 76-77. Cf. Luís Machado de Abreu, «A Política da Palavra em Sena Freitas», pp. 53-56.

⁴⁷ Sena Freitas, *Por Água e Terra*, Lisboa, Empresa da História de Portugal, Sociedade Editora, 1903, pp. 165-166.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 29.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 5.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 23.

⁵¹ *Ibidem*, p. 131.

⁵² Cf. *ibidem*, pp. 85-89.

⁵³ *Ibidem*, p. 114.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 149.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 165.

que reúne 116 000 associados, distribuídos em 752 sociedades. No decorrer da entrevista que Verhaegen lhe concedeu, este enunciou-lhe que o fim principal da Liga é «estudar em comum, preconizar, vulgarizar, as medidas próprias, elevar a situação moral e material dos operários e promover a harmonia entre o capital e o trabalho, pelo respeito dos direitos de todos e melhoria das relações entre patrões e operários»⁵⁶. Para uma população que se estimava repartida em partes iguais por católicos, livres-pensadores e indiferentes⁵⁷, a criação da Liga cumpria o propósito de «tirar aos católicos belgas todo o pretexto de se filiarem no socialismo anarquista, fornecendo-lhes tudo quanto poderiam ir pedir-lhe, desde o pão para a boca até ao recreio para o espírito»⁵⁸. Compreende-se assim o alto incentivo que Verhaegen recebeu do Papa Leão XIII para prosseguir a luta pela democracia e o apoio que lhe era concedido pelo bispo de Gand, que protegia abertamente o partido, que no parlamento dispunha duma boa representação.

O entusiasmo de Sena Freitas pelo ideal da democracia cristã cresceu ao ponto de, como já referimos, exortar o clero do seu país a empenhar-se na sua incrementação. Chega mesmo a reprovar a ação do clero que limita a evangelização à «conquista das almas, sem curar de saber se o estado económico do pobre povo deve ou não ser melhorado»⁵⁹. Há que estar atento às situações concretas de pobreza em que o povo vive e às suas reivindicações para «compreendê-lo e conformar os nossos métodos ao seu espírito, associar-nos às suas ideias justas, aos seus haustos generosos, às suas reformas sensatas»⁶⁰. Sena Freitas mostra-se particularmente sensível às condições de miséria em que vive o povo e os operários, considerando mesmo «justíssimas» muitos dos seus protestos e reclamações. Chega mesmo a afirmar que a «sociedade como está constituída por ora, é uma blasfémia contra o Evangelho e um escárnio atroz da doutrina de Jesus»⁶¹.

A viagem à Irlanda e o cristianismo como ideal de sociedade

Para além da ação social que incumbe ao padre exercer em prol dos desfavorecidos, o destino último da sua missão está para além do plano temporal em que ela se desenrola. O seu desígnio é mais elevado e o autor enuncia-o deste modo: «o alvo último, através das vantagens mesmo materiais fornecidas ao povo, é sempre o mesmo Jesus Cristo, seu modelo, seu consolador e seu fim supremo»⁶². Cumpre assim um propósito regenerador de combater a exploração do

⁵⁶ *Ibidem*, p. 171.

⁵⁷ Cf. *ibidem*, p. 174.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 171.

⁵⁹ Sena Freitas, «Introdução do tradutor» em *A Alta Educação do Padre*, p. 76.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 76.

⁶¹ Sena Freitas, *Por Água e Terra*, p. 170.

⁶² Sena Freitas, «Introdução do tradutor» em *A Alta Educação do Padre*, p. 77.

povo de grenha empastada, de blusa metalizada pela limalha da oficina, de mãos encardidas, que lê de relance o seu diário à esquina da rua e não sabe ler entrelinhas que o exploram e o iludem vilmente (...), que geme debaixo das rodas duma máquina ou se aperta à roda da mesa de um lóbreo restaurante a beber um ruim café⁶³.

a ação regeneradora do padre não poderá ignorar o povo oprimido, mas realiza-se verdadeiramente no seu encontro: «que feliz se deve sentir uma verdadeira alma de padre, se depois de meter a sua mão na dele, na efusão duma sincera estima, conseguir também meter Cristo no coração»⁶⁴!

Será assim em função deste objetivo que poderemos compreender o sentido das suas viagens e muito especialmente a que o levou à Inglaterra e Irlanda. Com efeito, o motivo principal que levou Sena Freitas à Irlanda é enunciado logo na primeira “nota” que escreveu sobre a visita que efetuou àquele país e que se encontra publicada com o título «Salve Irlanda», no volume II – *Entre Mares e Lares*, da sua obra *Observações Críticas e Descrições de Viagem*. O autor foi atraído pela nostalgia duma vivência social modelada pelos preceitos da fé cristã. O estilo de vida que envolvia a sociedade portuguesa apresentava-se corroído «pela influência do ceticismo e do sensualismo»⁶⁵. Os jornais, a literatura, as relações sociais, o espaço público, em geral, são veículos transmissores de tudo o que favorece a negação de Deus e da moral, o que provoca nas pessoas e no autor, em particular, «um aborrecimento mortal e com ele chega a necessidade de variar por algum tempo de atmosfera, para beber um ar mais puro e divertir a vista do espetáculo desolador de um país que foi Portugal»⁶⁶.

Alastrava por toda a Europa um ambiente de liberdade de pensamento que abalava a fé religiosa e os costumes, e que o próprio Sena Freitas caracterizou, em discurso que pronunciou em 1873, na Associação Católica de Braga, nos seguintes termos: «organiza-se contra a Igreja uma conspiração universal, combinada, sistemática, incansável e satânica, busca-se afincadamente descatorizar a sociedade, furtando-a à última influência da ação religiosa»⁶⁷. Portugal não poderia considerar-se «de fora no quadro lúgubre em que figuram a maior parte das nações europeias»⁶⁸. Embora se não pudesse dizer que estivesse na linha da frente da descristianização, Sena Freitas identifica os fatores que ameaçavam já a nossa multissecular identidade, a saber: a demissão da família da missão educativa exercida pela autoridade paternal e a influência nociva de diversos agentes sociais, destacando o orador a proliferação da literatura licenciosa, o jornalismo antirreligioso e o *teatro devasso* «que exhibe e veste de graça e louçania o que é condenável, ou inclusivamente feio e abominável: refiro-me ao teatro apeado da majestosa dignidade de Corneille, Racine, Monti, Garrett»⁶⁹. Este

⁶³ *Ibidem*.

⁶⁴ *Ibidem*.

⁶⁵ Sena Freitas, *Observações Críticas e Descrições de Viagem*, v. II – *Entre Mares e Lares*, p. 109.

⁶⁶ *Ibidem*.

⁶⁷ Sena Freitas, *No Presbitério e no Templo*, v. II, p.218.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 219.

⁶⁹ *Ibidem*, pp. 237-238.

constitui o lastimável resultado das medidas governamentais que visaram erradicar do país a influência religiosa, as quais remontam ao Marquês de Pombal, que decretou, em 1759, a expulsão dos Jesuítas, e, mais tarde, ao decreto de 28 de maio de 1834, de Joaquim António de Aguiar, que determinou a extinção de todas as ordens e congregações religiosas. A partir de finais da década de cinquenta do século XIX, a vinda para o país das Irmãs de Caridade, alimentou aceso debate que serviu para «alargar e aprofundar o combate anticlerical, com intervenções no Parlamento, nos jornais e até manifestações de rua, como a que a Sociedade Patriótica organizou no Passeio Público, em Lisboa, em 2 de setembro de 1860»⁷⁰. De modo geral, assiste-se ao desenvolvimento de intensa campanha contra a influência das instituições religiosas na sociedade graças à ação direta dos movimentos de inspiração republicana, que abrangiam o livre-pensamento, a Associação do Registo Civil, a Maçonaria e a Carbonária⁷¹. É em confronto com esta atmosfera que Sena Freitas enaltece os bons ares que se respiram na Irlanda, onde,

sob um governo aliás protestante, florescem, como nos Estados Unidos *todas* as corporações religiosas e gozam da mais completa liberdade. Aqui o governo não tem medo ao frade, porque lhe confia a juventude inglesa, os hospitais e as prisões, nem se julga com o mínimo direito a proibir que meia dúzia de homens se ajuramentem perante Deus para viverem unidos e servirem a comunidade⁷².

As suas descrições da Irlanda não se limitam a realçar a exuberância da paisagem e a beleza dos seus monumentos e parques, mas incidem no que é «mais útil e instrutivo, pondo inexoravelmente de banda o mais agradável»⁷³. Por isso, detêm-se demoradamente a apresentar os pilares em que assenta a coesão social, como são os inúmeros institutos que existem no território e o trabalho que desenvolvem no terreno, nos mais diversos segmentos da vida social⁷⁴, assim como a descrição dos costumes, designadamente, no que se refere ao tratamento do clero e ao estilo de vida no seio da família. O elevado grau de instrução religiosa e de identificação da sociedade com os princípios morais e a religião do Evangelho levam-no a formular o que poderíamos denominar a lei do desenvolvimento moral de um país, nos seguintes termos: «a moralidade de um povo está na razão direta da influência que o fermento evangélico, ou por outra, que o cristianismo exerce nele, e na razão inversa da atividade com que o elemento subversivamente revolucionário atua sobre ele para esfacelar-lhe as crenças e pela falta delas os costumes»⁷⁵.

⁷⁰ Luís Machado de Abreu, *Ensaio Anticlericais*, Lisboa, Roma Editora, 2004, p. 56.

⁷¹ Cf. António Teixeira Fernandes, *Igreja e Sociedade na Monarquia Constitucional e na Primeira República*, Porto, Estratégias Criativas, 2007, pp. 113-136.

⁷² Sena Freitas, *Observações Críticas e Descrições de Viagem*, v. II – *Entre Mares e Lares*, p. 110.

⁷³ *Ibidem*, p. 108.

⁷⁴ Cf. *Ibidem*, pp. 117-120.

⁷⁵ *Ibidem*, pp. 122-123.

Viagens a S. Paulo, sul do Brasil e Argentina

O rol de viagens de Sena Freitas inclui visitas a diversas províncias do Brasil e ao interior de Portugal, que percorreu de norte a sul, mas ainda a vários países da bacia do Mediterrâneo, até Istambul, e a algumas cidades da Argentina e do Uruguai. No segundo período de tempo em que esteve no Brasil, escreveu relatos de uma visita a S. Paulo, cidade que deixa em qualquer pessoa, logo à primeira vista, a impressão de ser «uma cidade brasileira de primeira ordem»⁷⁶. S. Paulo faz recordar as cidades da Inglaterra ou do norte de França, graças à renovação que conheceu nos últimos anos. Os vestígios longínquos das suas origens desapareceram em nome de um progresso urbanístico, industrial e comercial imparável. O autor chega mesmo a assinalar o início da transformação da maior cidade brasileira de hoje que, na sua opinião, «data de meia dúzia de anos, quando muito de 1880 para cá»⁷⁷, o que torna a sua narrativa um testemunho do nascimento da grande metrópole da América do Sul. Mas a sua viagem prosseguiu para a cidade portuária de Santos, «a interessante capital marítima do comércio paulista»⁷⁸. A descida efetuou-a em via-férrea, a partir de S. Paulo, através da serra, por entre medonhos precipícios: «Matas espessas ondulando do verde-glauco ao gaio, afestoam as espaldas profundas da serra como se fossem a basta felpa do lombo de um imenso mastodonte»⁷⁹. Junto ao mar, a cidade vive na agitação de muita gente que negocia, de carroças que transportam sacos de café para o porto e de carregadores que fazem a estiva dos barcos. O comércio do café é a grande riqueza desta cidade do Estado de S. Paulo e o precioso grão encontra-se por toda a parte:

Santos cheira a café cru (...). Café nos armazéns, na rua por entre as pedras e nos passeios, café nas carroças que o transportam, café às costas dos carregadores que o levam da praia para bordo através de tabões suspensos, café nos escritórios dos comissários, em amostras, em balsâmica infusão, às 6 horas, às 10 horas da manhã, às 2, às 5, às 7 da tarde, às 8, 10 e 12 da noite; café na boca dos negociantes que dele fazem o elenco único, obrigatório de conversação, no noticiário do jornalismo da cidade, café nos ouvidos e no nariz do pobre viajante. Uff!⁸⁰

A falta de um cais que facilite o embarque e desembarque de passageiros e mercadorias torna-se uma urgência que parece estar já a ser resolvida: «Felizmente já se principiaram os trabalhos do cais e vão progredindo tanto quanto uma coisa pode progredir nos países do sol»⁸¹. A nível religioso, apesar de existirem algumas igrejas, amplas e limpas, a prática cristã é quase nula, mesmo aos domingos: «Lembro-me de ter celebrado missa na Misericórdia de Santos, por ocasião das festas de Natal e Reis,

⁷⁶ Sena Freitas, *Observações Críticas e Descrições de Viagem, v. II – Entre Mares e Lares*, p. 169.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 170.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 165.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 153.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 160.

⁸¹ *Ibidem*, p. 163.

no ano de 1887. Não estou certo se a assistência montou a 8 pessoas, mas quer-me parecer que o número não era tão *alto*!»⁸²

Em Santos, tomou o vapor Rio de Janeiro com destino ao Rio Grande do Sul. A viagem teve a duração de seis dias e a sua descrição dá bem conta das vicissitudes que, na altura, semelhante empreendimento representava. A ancoragem do barco junto a várias cidades, onde fez escala ao longo do percurso, permitiu visitas rápidas, ganhando relevo a aventura que viveu ao meter-se numa piroga para ir a uma delas⁸³ e a travessia da barra da cidade de Rio Grande, cidade no meio de planícies extensas, abundantes em manadas de gado vacum e cavalar, que aparenta algum progresso, «mas que de chofre parou e permaneceu como enquistada»⁸⁴. As referências à passagem por Santa Catarina são breves e pouco animadoras. A paragem do barco permitiu apenas a visita rápida e acidentada à ilha de S. Francisco e depois à ilha do Desterro que, «vista do porto, tem exatamente a configuração de uma ferradura»⁸⁵, não fazendo qualquer referência à colonização açoriana da Ilha de Santa Catarina efetuada no século XVIII.

A descrição de Buenos Aires, apesar do pouco tempo em que lá permaneceu, não deixa de ser curiosa pela apreciação que faz da artificialidade do estilo de vida dos seus habitantes. A impressão geral que fica é a de nos encontramos em «uma cidade elegante, moderna, europeia às direitas, bonita, e até em algumas coisas *coquette*. Nada lá aparece dessa catadura severa, pesada e bolorenta das velhas cidades da Europa (...). Ostenta a juventude garrida e viçosa das cidades construídas de ontem»⁸⁶. O traçado geométrico das ruas acolhe sumptuosas moradias, autênticos palácios e palacetes, com uma arquitetura monumental e luxuosa, que o autor descreve com algum pormenor e estupefação em virtude de os seus proprietários serem pessoas vulgares da classe média, sem pergaminhos de nobreza. Esta sumptuosidade manifesta-se também no vestir e na maneira geral de viver, em tudo semelhante a Madrid e Barcelona, pelo menos no que se refere à grande animação que a vida noturna conhece. A situação económica do país está em profunda crise não só por causa da má gestão governativa, mas também devido à própria «prodigalidade dos capitalistas argentinos que, se ganham mil contos despendem novecentos e noventa e nove em casarias, equipagens, *bibelots* de alto preço»⁸⁷. O sentimento religioso encontra-se bem enraizado na população, como se depreende pelos numerosos templos de que dispõe e pela sua luxuosa decoração. A frequência às missas é elevada e no interior dos templos é frequente «encontrar alguns homens e principalmente mulheres em devota postura de oração, em qualquer dia da semana e a qualquer hora do dia»⁸⁸.

⁸² *Ibidem*, p. 164.

⁸³ Cf. *ibidem*, pp. 213-214.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 227.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 215.

⁸⁶ *Ibidem*, pp. 240-241.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 260.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 256.

A reduzida vegetação de Buenos Aires, que se estende «sobre uma planície rasa como um soalho e vastíssima como uma estepe»⁸⁹, é compensada por alguns dos seus recantos, como a Recoleta, um jardim com muitas plantas exóticas, e o Tigre, nos arredores da capital, que é um emaranhado de canais que circundam inúmeras ilhotas pujantes de vegetação. O autor visitou ainda algumas cidades satélites, como Rosário e La Plata, e terminou a viagem no Uruguai, na alegre e graciosa cidade de Montevideu, onde as casas se dispõem em anfiteatro, em ruas que descem das colinas até ao rio⁹⁰.

Pelo Mediterrâneo até ao Próximo Oriente: a cultura e a tolerância religiosa

A viagem a Istambul, que realizou no verão de 1908, levou-o a visitar diversas cidades do norte de África, de Malta e da Grécia, que foram objeto de uma série de cartas endereçadas a um amigo de Lisboa, diretor do *Diário de Notícias*, e publicadas em livro no ano seguinte. A par do propósito que enuncia no começo das minuciosas descrições que faz da antiga Constantinopla de que a viagem constitui uma «devota romaria de estudioso de etnografias dos diferentes povos»⁹¹, Sena Freitas não esconde, nas descrições que envia ao seu correspondente, a emoção que experimenta ao percorrer o «arquitépago grego, povoado de numerosas ilhas e ilhéus»⁹², e ao chegar ao Pireu para iniciar a memorável visita a Atenas:

À medida que, ao partir do Pireu, me ia aproximando da cidade *única*, ia por igual crescendo em mim a emotividade, tornando-se como que mais apressado o ritmo do coração; sentia em mim uma impressão análoga a que experimentou *De Amicis* (conforme ele próprio conta), quando pela vez primeira subiu a escada da casa de Victor Hugo, na rua Eylau, ou a que experimenta o jovem noivo, no momento solene em que, à face do padre, vai dar o nome de esposa à filha de uma família diferente da sua. Eu vou daqui a instantes pisar enfim o chão da antiga capital da Ática, da *alma-mater* de todas as civilizações europeias, o vetusto berço das 9 musas, que inspiraram todas as artes e todos os génios, desde o velho Lácio até a moderna Itália, França, Alemanha ..., a pátria primeira do belo literário, que através dos séculos tem deliciado, em tantos trabalhos em prosa e verso, os estudantes de humanidades que fomos e somos ainda; vou pisar a terra bendita que produziu Platão, o cérebro divino, e Demóstenes, a boca de ouro⁹³.

A estadia em Atenas é vivida como um regresso a ambientes familiares bem conhecidos, mas onde nunca efetivamente estivera antes. A relação de intimidade com os sucessivos locais e monumentos salta permanentemente à vista, como um tributo devido à cultura clássica do ilustre viajante. A Acrópole, vestígio da antiga Atenas, marca o início da visita que se centra numa série de evocações que o autor

⁸⁹ *Ibidem*, p. 241.

⁹⁰ Cf. *ibidem*, p. 289.

⁹¹ *Ibidem*, p. 155.

⁹² *Ibidem*, p. 119.

⁹³ *Ibidem*, p. 122.

faz desfilar do alto do *Partheron*, «o mais perfeito e majestoso exemplar da arquitetura helénica, que subsiste»⁹⁴, em redor do qual se pode contemplar o *Erechteion* e de onde se descortina o campo da Maratona, entre outros monumentos e vestígios da Grécia antiga. A descida da Acrópole é feita através da passagem por vários lugares históricos que dão ocasião a uma cadeia viva de evocações, como o Areópago, onde os arcontes se reuniam e onde S. Paulo anunciou o Evangelho, a Boa Nova que dava corpo à legendária inscrição da dedicação de um templo ao *Ignoto Deo*, a Prisão de Sócrates, a Tribuna de Demóstenes (o *Pnyx*), célebre autor da *Oração da Coroa*, que alentava os seus compatriotas contra a usurpação do rei da Macedónia, o Teatro de Dionísio, a Ágora, o Estádio e outros vestígios de uma época gloriosa. Mas o fim da viagem era Istambul, a onde o autor chegou atravessando o Mar de Mármara até ao Bósforo, às portas do Mar Negro. Através da visita à cidade, Sena Freitas traça o perfil daquele povo oriental, profundamente convertido ao culto da religião maometana.

Como o autor confessa na «Décima terceira carta», já na parte final, «*um dos fins principais da minha viagem à Turquia (...) era o de estudar o desenvolvimento e progresso da ação cristã em toda a região otomana*»⁹⁵, uma tarefa que não conseguiu concretizar em virtude de o *Alcorão* proscrever aos seus seguidores a cedência às tentativas de conversão dos cristãos. A recusa de qualquer tipo de diálogo neste sentido inviabiliza a expansão do cristianismo, «que não se pode realizar sem a liberdade da palavra evangelizadora e esta está perfeitamente amordaçada»⁹⁶. Todavia, o autor não deixa de exaltar no povo turco a forma respeitosa e cordial como trata o clero, em contraste flagrante com o que se passava em Portugal. Refere ainda o acolhimento tolerante que o povo, muçulmanos e judeus, dispensa às manifestações públicas do culto católico, designadamente, uma procissão do Corpo de Deus, preparando as ruas para o préstimo religioso e dependurando tapeçarias das sacadas de suas casas⁹⁷.

*

Os relatos de viagem, em que o autor dá largas à sua inegável veia literária, não só lhe permitem traçar a fisionomia das cidades, o estilo de vida dos seus habitantes, o nível de desenvolvimento económico e social das populações, o seu índice de elevação cultural e de envolvimento na prática religiosa, mas oferecem-lhe também, regularmente, boas ocasiões para introduzir pequenos apontamentos de feição catequética sobre temas teológicos e até filosóficos, que visam certamente robustecer as convicções religiosas do leitor cristão e até esclarecê-lo em questões práticas de

⁹⁴ *Ibidem*, p. 126.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 175.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 176.

⁹⁷ Cf. *ibidem*, pp. 178-179.

ordem moral. Tomamos como exemplo destas situações, que depõem a favor do empenho apostólico de Sena Freitas em exercer o seu ministério em todos os lugares e circunstâncias, o diálogo travado num encontro casual com um conhecido seu, na paragem de autocarro, no largo do Rosário, em S. Paulo. Para contrariar a descrença do interlocutor acerca da existência de Deus, Sena Freitas expõe o argumento de que Deus constitui um pressuposto necessário para a compreensão racional da origem do Universo. Confrontando a explicação da origem do mundo como podendo ser ou obra de Deus ou então um simples produto do acaso, somos forçados a afastar esta última hipótese por se mostrar, pela sua irracionalidade, incompatível com a harmonia da natureza, cuja regularidade, expressa pelas leis da ciência, pressupõe a existência duma suprema inteligência ordenadora⁹⁸. Outro episódio do mesmo teor foi, durante a sua estadia em Lucerna, na Suíça, o diálogo com a filha casadoira da dona do hotel em que se alojara. Esta, que era católica, estava apaixonada por um rapaz, que a havia já pedido em casamento, mas vivia o conflito entre a sua obediência religiosa e a do rapaz que era protestante e assim queria continuar. Sem saber o que fazer, o conselho do sacerdote viajante trouxe-lhe a paz de espírito, ao torná-la ciente da doutrina da Igreja sobre os casamentos mistos, os quais podem ser celebrados na condição de ser assegurada a educação religiosa dos filhos⁹⁹. Também, na Turquia, no final da sua estadia em Istambul, vemos o P. Sena Freitas a responder aos apelos de um negociante de origem italiana que suplicava, para o filho mais velho que adoecera, o conforto da assistência religiosa. Sena Freitas, que tinha o domínio do italiano, logo se prontificou a atendê-lo e partiu com o pai angustiado ao encontro do filho enfermo, que lhe pediu para o ouvir em confissão¹⁰⁰.

A viagem da saudade a S. Miguel

Mas a grande viagem de Sena Freitas, certamente a que efetuou de forma mais emotiva, foi a que realizou à sua terra natal e a outras ilhas dos Açores, no verão de 1897¹⁰¹. Era a primeira vez que regressava a S. Miguel após 42 anos de ausência e de uma vida repartida por Portugal e o Brasil, de uma longa estadia em Paris, de uma intensa intervenção pública em que travou vários combates de doutrinação, crítica e polémica, mas também de numerosas viagens que lhe trouxeram um vasto conhecimento do mundo. Todavia a viagem aos Açores, a bordo do paquete Funchal permitiu uma longa descrição da Ilha que é simultaneamente uma exaltação saudosa do encontro com os seus encantos e um lamento admonitório pela falta de desenvolvimento que aparentava:

⁹⁸ Cf. *ibidem*, pp. 186-188.

⁹⁹ Cf. Sena Freitas, *Por Água e Terra*, pp. 67-68.

¹⁰⁰ Cf. Sena Freitas, *Viagem a Istambul*, pp. 197-200.

¹⁰¹ Cf. José Luís Brandão da Luz, «A imprensa regional e os açorianos “lá de fora”: Sena Freitas e Teófilo Braga», em Carlos Cordeiro e Susana Serpa Silva (coord.), *A História da Imprensa e a Imprensa na História: O Contributo dos Açores*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores e Universidade de Coimbra, 2009, pp. 322-326.

O fundo misterioso dos mares, não podendo encerrar tanta seiva, tanta pujança de fertilidade, bolsou-te de si próprio e atirou-te por sobre a superfície enrugada das suas águas, pérola vulcânica brotada das suas entranhas, ilha formosa de S. Miguel, não jardim da Europa à beira-mar plantado, mas nenúfar do Atlântico, desabrochando no espaço da tua corola de basalto.

(...) Ao costear, a bordo do Funchal, os flancos da ilha de S. Miguel, principalmente, a cidade berço da minha existência primeira, reconheci-lhe as feições, uma por uma, sem engano possível, a despeito do hiato enorme da ausência. E senti dilatar-se-me o peito com um respirar insólito, e se me abriu aqui dentro, onde vibra o coração e o amor sagrado da pátria, uma torrente de sentimentos dulcíssimos até à consternação, que nem a pena sabe traduzir, nem mesmo o espírito formular noutra linguagem que não seja toda vaga e íntima. Queria naquele momento possuir os cem braços de Briareu para abraçá-la sobre o peito ou o poder do velho Pan para confundir com ele, por um instante, a minha própria existência. Assim te quero S. Miguel.

E no meu orgulho de filho, só me doeu que, ao flanquear tuas vertentes tão ubertosas e verdejantes, teus alcantis imponentes, tuas povoações tão brancas como bandos de garças, onde vive e labuta um povo industrioso em alto grau, leal mas pouco expansivo, porque o lugar do coração não é na cara, e há um caminho para lá chegar; um povo que não se dá, mas que se ganha; doe-me deveras não ter ouvido ecoar através das tuas fréguas o silvo da locomotiva, não ver ainda o penacho fantástico do comboio tracejar no espaço a sua espiral alegre e perdendo-se na espessura dos teus flancos, não saltar ainda para os ares, para a amplidão dos mares, para as embarcações de todos os bordos que te visitam, o hosana moderno da civilização sob o seu mais simpático emblema, indo acordar em seu seio, para pô-las em circulação, todas as tuas múltiplas indústrias¹⁰².

o reencontro com a ilha e a cidade natal, após tão longa ausência, e o confronto com as suas belezas naturais mergulharam-no numa torrente de sentimentos e emoções, mas não turvaram o olhar crítico, que se fixou na falta de investimentos que colocassem a ilha na rota do progresso.

No sermão que pregou na Igreja de S. José, de Ponta Delgada, por ocasião da festividade do Coração de Jesus, no decorrer da sua visita à ilha de S. Miguel, o tema de «O Amor de um Deus» serve-lhe de guia para enaltecer as belezas naturais da sua ilha, que diz serem uma das formas mais sublimes da Sua expressão, juntamente com a criação do homem à Sua imagem, dotado duma razão que o orienta para o Absoluto. É assim que, tocado certamente pela emoção de realizar o ardente desejo de subir ao púlpito do templo em que recebeu a túnica branca do batismo, envergando agora a estola branca de ministro do Evangelho, exalta de forma eloquente as belezas incomparáveis da sua ilha, reconhecendo nelas a assinatura indelével da ação criadora do amor de Deus:

Tudo me fala do coração de Deus neste incomparável espetáculo. Como Ele sorria para vós, meus patrícios, quando transmitia à vossa ilha a graça senhoril da princesa do arquipélago açoriano; quando punha nesses montes o abrupto e majestoso dos desfiladeiros da Suíça, quando desatava madeixas de água puríssimas e copiosas nas arestas das vossas colinas, quando escavava lagos formosos e vastos no fundo dos vossos vales para os astros se mirarem neles, quando afestoava de hortênsias sem número as encostas dos montes e os algares das crateras, quando franjava de variadíssimos fetos, como de rendas fantásticas, as grutas da vossa ilha e vestia de incrível fertilidade essas planícies que só pedem à semente um pretexto para produ-

¹⁰² Sena Freitas, *Lutas da Pena*, v. II, Lisboa, Tipografia da Casa Católica, 1902, pp. 32-35. Ver também em João H. Anglin, *Padre Sena Freitas: Antologia*, Ponta Delgada Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1968, pp. 165-168.

zir, e passeava o pincel ultragenial do artista único, desde o colorido das flores mimosas que parecem idílios até às sombras profundas dos pinheirais que semelham recintos de meditação! Como não ver, repito, a mão, e ainda mais, o coração de um Deus em tudo o que Ele realizou e manifestou pelo seu Verbo? Pelo seu Verbo, disse eu. E de fato, pelo Verbo tudo foi feito e sem ele nada saiu do nada»¹⁰³.

As referências às suas origens insulares surgem naturalmente, no decorrer de algumas das suas obras, quase sempre a propósito da familiaridade com o mar e o fascínio tranquilizante que este lhe propiciava, em grande parte por ter nascido e vivido em íntima ligação com ele: «Nasci no meio das ondas, numa ilha. As cenas marítimas tiveram sempre para mim um atrativo peculiar»¹⁰⁴, escreve a propósito das impressões da viagem que efetuou a Vigo. O aspeto geral da descrição de uma das ilhas do mar de Mármara, junto à entrada do Bósforo, lembra-lhe, pela exuberância do arvoredo e alvura das casas, «os presépios, tão alvos e brincados, da festividade do Natal, na minha infância passada na ilha de S. Miguel. Com que imensa saudade o recordo!»¹⁰⁵. E, na quadra do Natal que passou em Londres, compara a decoração das habitações daquele país com o antigo costume dos micaelenses de imprimirem um aspeto festivo aos seus lares, ornamentando-os com pinho: «as franças do pinheiro bravo vestem as casas e juncam o soalho das habitações da minha saudosa ilha de S. Miguel, na formosa noite de Natal»¹⁰⁶. Lá longe, no Brasil, a extenuação que a visita a Santos lhe provocou é recuperada pelo sono reparador, a bordo do vapor em que inicia a viagem até ao sul do país,

«ao som conhecido e grato do sussurro oceânico, das vagas plangentes, irrequietas desse mesmo Oceano Atlântico que embalou o meu primeiro sono na ilha de S. Miguel, e me adormecera dia por dia, por espaço de 15 anos. O seu ritmo, a sua linguagem, o seu hino solene e grandioso; não mudou; é sempre o eco do infinito, ou acordando em uma criança o sentimento da Divindade, ou recordando-o com mais eloquência ao homem feito»¹⁰⁷.

Mesmo em terras distantes, longe da pátria, Sena Freitas regressa com frequência às suas origens, na evocação das lembranças de infância, em que os ambientes familiares e também a saudosa e grata memória do pai nunca são esquecidos. Antes se conservam em estreita ligação com a vastidão do oceano, que era para ele, como é para os ilhéus, não experiência do limite, mas horizonte continuamente expansivo de aberturas insondáveis e sem fronteiras, que remetem sempre para mais além.

¹⁰³ Sena Freitas, *A Palavra do Semeador*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1905, p. 89.

¹⁰⁴ Sena Freitas, *No Presbitério e no Templo*, v. I, p. 87.

¹⁰⁵ Sena Freitas, *Viagem a Istambul*, p. 195.

¹⁰⁶ Sena Freitas, *No Presbitério e no Templo*, v. I, p. 296.

¹⁰⁷ Sena Freitas, *Observações Críticas e Descrições de Viagem*, v. II – *Entre Mares e Lares*, pp. 165-166.

IMPrensa E CULTURA NOS BASTIDORES DO CATOLICISMO OITOCENTISTA

CARTAS DO PADRE SENA FREITAS ENDEREÇADAS AO PADRE JOSÉ JOAQUIM DE AFONSECA MATOS (Transcrição com introdução e notas)

Luís Machado de Abreu e José Eduardo Franco

Universidade de Aveiro

luismabreu@uac.pt

CLEPUL. Universidade de Lisboa

joseeduardofranco@gmail.com

O Padre Sena Freitas é uma figura maior do catolicismo do século XIX não só por se ter notabilizado como grande polemista, jornalista e pregador, mas fundamentalmente porque procurou entender, como poucos, o seu século e, sem perder o acinte militante próprio do seu lado da barricada, tentou estudar e conhecer profundamente o pensamento, a ciência e as estratégias dos adversários da Igreja que ele amava “mais do que a vida” e por quem militou até à morte.

Percebeu a importância da imprensa como arma de combate ideológico, de difusão de ideias, de formação de opinião e de transformação de mentalidades. Por isso, tornou-se um estrénuo jornalista, fundador e promotor de fundação de periódicos como é o caso do que ocupa e preocupa a presente correspondência, *O Progresso Católico*. Título de um jornal que é, acima de tudo, um programa de contra-ataque à massiva propaganda das elites intelectuais difundida pelas várias frentes ideológicas laicas (positivismo, socialismo, cientismo, republicanismo, materialismo, liberalismo anti-congreganista, anarquismo, livre-pensamento, etc.) que faziam do catolicismo e das